

## **Sessão inaugural da Academia Galega da Língua Portuguesa**

### **Na oferenda floral no Panteão de Galegos Ilustres**

Por guardar os restos de algumas das mais importantes figuras da nossa história cultural, este lugar assumiu o carácter de centro simbólico da cultura galega, e nomeadamente da nossa língua. É um símbolo do nosso ser colectivo como galegos, e portanto como lusófonos. Veneramos como sagradas as cinzas destas personalidades da nossa história cultural, porque a elas devemos a conservação de muito do que hoje continuamos sendo como comunidade e porque adivinhamos os sacrifícios que pagaram por desenvolver o seu trabalho, sempre em circunstâncias adversas e por vezes até heroicas.

Escolhemos o túmulo de Rosalia Castro para depositar a nossa coroa de loureiro. É em Rosalia que toda a cultura galega se sente especialmente representada com rara unanimidade: porque sabemos, como bem disse o poeta Curros Henríquez ante esses mesmos restos, que ela levava na frente uma estrela e na boca um cantar.

A Academia Galega da Língua Portuguesa, desde o mais profundo do coração dos seus promotores e dos seus membros, humildemente, sente-se caminhando na esteira destes venerados mestres da vida, levando na frente a estrela do serviço à nossa velha cultura e na boca o cantar da nossa língua, estendida hoje por territórios de todos os continentes. Com esta oferenda de uma coroa queremos manifestar, do modo mais sincero, o desejo de que a lembrança e o exemplo dos mestres acompanhem sempre a vida e os trabalhos da nova Academia, para bem da língua portuguesa, alma da Galiza.

## Saúdo

Em nome da Academia Galega da Língua Portuguesa, que hoje começa a sua caminhada à luz pública, corresponde-me, antes de mais, saudar todas as personalidades e instituições que nos acompanham neste acto. A todos agradecemos calorosamente a sua presença, por quanto tem de estímulo a uma iniciativa que nasce com modéstia mas também com generosa vontade de trabalho pela nossa cultura e nomeadamente pela nossa língua, e com o propósito de reger-se pela atitude científica e pelo rigoroso amor à verdade.

Saúdo em primeiro lugar as representações da Junta da Galiza e da Universidade de Santiago, por cuja presença nos sentimos altamente honrados.

Para os representantes dos diversos países da Lusofonia vai um saúdo particularmente sentido, dada a natureza desta nossa Academia.

A Galiza é um país lusófono. Fala uma língua que frequentemente se denomina “galego”, mas que não é outra coisa que uma forma de português. Assim o vem defendendo a ciência Romanística desde há mais de cem anos, e igualmente a melhor tradição cultural galega desde os tempos do Padre Feijoo no século XVIII. Por isso, a denominação mais rigorosa e menos ambígua para esta língua nossa será a de “português da Galiza”: um português que, por cima das suas características diferenciais, nos une num lar comum com todos os irmãos de língua no amplo mundo da Lusofonia.

Sabemos que podemos afirmar que por detrás da AGLP está o apoio afectivo de muitos galegos que, como outrora Murguia ou Castela ou Carvalho Calero, se sentem parte da Lusofonia. Para eles é que surge em primeiro lugar a Academia: para que possam dispor de uma instituição científica com a qual se sintam identificados em assuntos de língua, e deixem de verem-se, como amiúdo acontece, órfãos ou isolados ou desorientados neste mundo nosso linguisticamente globalizado.

Na sua modéstia de vagalume que acende a sua luzinha na beira do caminho da História cultural da Galiza e da humanidade, a AGLP surge também com o desejo e com a esperança de ser e aparecer –especialmente perante o resto do mundo lusófono mas também perante o resto do mundo todo– como um estandarte do carácter lusófono da Galiza e da sua pertença à Lusofonia, e isso já desde o seu próprio nome.

Por detrás desta AGLP que nasce está, já agora, o trabalho abnegado e a entrega generosa de muitas pessoas que a fizeram possível. Apesar de que realizam a sua tarefa por amor à nossa língua e sem esperar por isso nenhum reconhecimento, neste momento merecem uma lembrança, ainda que seja sem nomes individuais, para que saibam quanto vale o seu esforço e para que também no futuro continuem realizando esse trabalho com o mesmo espírito. A este respeito, não quero deixar de citar algumas organizações culturais da Galiza, que enumerarei em ordem alfabética: a Associação de Amizade Galiza-Portugal, a Associação Galega da Língua (AGAL), a Associação Sócio-Pedagógica Galego-Portuguesa, e o Movimento de Defesa da Língua. Em Portugal devem lembrar-se os Colóquios da Lusofonia, celebrados anualmente em Bragança. Estas e outras organizações constituíram durante os passados anos a atmosfera vital em que se formulou de modo claro a consciência lusófona de muitos galegos:

a elas deve, pois, a Academia uma boa parte do impulso que lhe deu origem.

Uma referência especial deve ser feita à Associação Pró Academia Galega da Língua Portuguesa. Um grupo de pessoas, imitando o que há agora um século fizeram os emigrantes galegos em Cuba com a Associação Protectora da Academia Galega, criaram esta organização, que tem como tarefa promover na sociedade galega o apoio à Academia: apoio ao seu nascimento, primeiro (e uma amostra é a mesma organização deste acto), e, de agora em diante, apoio ao seu funcionamento, nomeadamente nos assuntos materiais e económicos, respeitando a sua total autonomia de decisões. Várias pessoas dessa Associação trabalharam intensamente nestes meses passados, com entrega e generosidade, e todas merecem agradecimento, mas estou seguro de que todas elas concordarão em que não devo deixar de citar aqui o nome de Ângelo Cristóvão, que com os seus dotes de animador incansável, por um lado, e de eficazíssimo organizador, por outro, foi a alma do grupo e o verdadeiro motor do projeto.

Antes de concluir, quero enviar ainda um saúdo fraterno às outras diversas Academias existentes na Galiza. A Academia Galega da Língua Portuguesa, que agora vem a colocar entre elas o seu nome, deseja manter relações de boa irmandade e de colaboração científica com todas elas, e espera que, com o passar do tempo, o labor académico que irá realizando a torne digna de ocupar um lugar tão honroso.

Concluo manifestando em nome da Academia o nosso agradecimento a todos os presentes: muito obrigado.

## **Discurso inaugural**

A ideia de criar uma Academia Galega da Língua Portuguesa procede do professor Carvalho Calero nos derradeiros anos da sua vida. Na década dos oitenta do passado século –vão portanto transcorridos mais de vinte anos–, à vista das circunstâncias em que se desenvolvia a vida da nossa língua no novo quadro político da autonomia, Carvalho Calero formulou a necessidade de constituir uma Academia que, tanto na sua concepção como na sua prática, mantivesse de modo inequívoco a unidade linguística da Galiza com os outros países de língua portuguesa. A doença primeiro e o seu falecimento depois, em 1990, foram seguramente as causas de que essa ideia ficasse como em hibernação pelo momento.

No entanto, as alusões à necessidade, e mesmo à urgência, de uma tal iniciativa foram aparecendo nos anos sucessivos em boca de diversas pessoas. Hoje, ao iniciarmos a vida pública desta Academia, é de justiça que tenhamos uma lembrança especial para a figura do professor Carvalho Calero, a quem a Galiza inteira tanto deve: podemos considerar que ele é realmente o fundador da nossa Academia, ainda que não chegasse a vê-la realizada em vida.

Como é bem sabido, podemos situar convencionalmente o nascimento da nossa língua há uns mil anos (as “mil primaveras” de que falava Álvaro Cunqueiro). Surgiu no território que nesse momento constituía a franja ocidental, atlântica, do reino cristão de Leão. Esse território, que ia do mar Cantábrico, no norte, até à fronteira do domínio árabe, no sul, abrangia, pois, a Galiza actual e uma área não menor na zona septentrional do actual Portugal. Essa área linguística prolongou-se depois em direcção ao sul,

graças ao processo de reconquista dos territórios dominados pelos árabes; assim, a franja atlântica e o seu romance duplicaram a sua extensão primitiva.

Mas sobreveio a desintegração política do território: uma parte da área independizou-se do poder leonês com o nome de *Portugal*, enquanto a outra, que manteve o nome de *Galiza*, seguiu sob o domínio leonês. A língua, no entanto, continuaria sendo a mesma, apesar de introduzirem-se, com o passo dos anos, algumas diferenças ortográficas ou doutra índole.

Nos séculos posteriores, em Portugal, país independente e linguisticamente uniforme, a história da língua desenvolveu-se dentro do que podemos chamar processo normal, pois os 60 anos de domínio castelhano (1580-1640) não chegaram a interferir gravemente nesse desenvolvimento. De resto, a extensão da língua a áreas ultramarinas de América, África e Ásia em tempos modernos contribuiu a tornar mais vigorosa a vida do idioma.

Pelo contrário, na Galiza a história linguística foi traumática depois da Idade Média. Por isso, a situação actual apresenta-se com caracteres muito diferentes aos que acabamos de ver em Portugal.

Em primeiro lugar, a secular dependência política da Espanha, que implicava o predomínio do espanhol na vida oficial e pública da Galiza, introduziu a língua espanhola no território galego, que não lhe pertencia historicamente. A consequência é que hoje, depois de cinco séculos, muitos galegos falam habitualmente castelhano, e de muitos essa é ademais a sua língua materna.

Nos últimos anos esse sector castelhano-falante está a ampliar-se alimentando-se sobretudo das gerações mais novas. Está dando-se, pois, um processo de substituição linguística, que

se realiza no passo de uma geração a outra. Este facto, como é fácil de compreender, coloca a língua nativa da Galiza em situação dramática no que diz respeito à sua supervivência.

Não é este o único problema linguístico da Galiza, com ser por si só já suficientemente grave. Desde há alguns anos, temos um problema novo: o obscurecimento da consciência de unidade galego-portuguesa.

Tradicionalmente, nos galegos preocupados pela língua prevalecia a consciência da unidade linguística com o mundo lusófono. Mas desde há uns anos existe em certo sector uma nova ideia ao respeito, promovida especialmente por alguns filólogos e apoiada por certos sectores do poder político. Trata-se de que alguns não admitem que a língua da Galiza, embora tenha sido nas suas origens uma mesma com a de Portugal, o continue sendo agora; ao contrário, afirmam que acabou tornando-se distinta, ou pelo menos está em processo de tornar-se tal. Afirmam, pois, que o que falamos os galegos é um idioma distinto do português: a «língua galega», que seria a quarta língua românica da península (ao lado de catalão, castelhano e português).

São diversas e complexas as causas que provocaram este obscurecimento da consciência de unidade linguística, e ultimamente, o nascimento da tendência desmembradora. Poderiam resumir-se, de modo genérico, na secular situação de anormalidade cultural que a Galiza vem sofrendo. Tencionando identificar alguns factores mais definidos, poderíamos enumerar, entre outros, a extrapolação do político ao linguístico (e o uso da mesma denominação de “galego” aplicada à língua), o emprego do sistema ortográfico castelhano, e a prevalência dos estudos de carácter dialectológico em determinados âmbitos da Filologia Galega.

Ora, frente a esse fenómeno recente de obscurecimento da unidade linguística galego-portuguesa, existiu sempre na cultura galega uma parte muito qualificada, e até maioritária, que mantinha a consciência da identidade lusófona da Galiza, em consonância aliás com o que afirmavam os grandes mestres da Filologia Românica.

Podemos lembrar sumariamente alguns testemunhos de pensadores e escritores criadores da moderna consciência cultural galega.

**Eduardo Pondal** (1835-1917), um dos três maiores poetas (juntamente com Rosalia Castro e Curros Henriques) do Ressurgimento cultural galego do século XIX, proclamou nos seus poemas o carácter lusófono da Galiza, identificando a nossa fala (que ele denominava poeticamente “fala de Breogão”, em alusão o legendário caudilho celta) com a língua de Camões. Apostrofando a língua, diz num dos seus poemas:

“Nobre e harmoniosa fala de Breogão [...]! / Tu, sinal misterioso dos teus filhos serás [...]! / Serás épica tuba, e forte sem rival, / que chamarás os filhos que além do Minho estão, / os bons filhos de Luso, apartados irmãos / de nós, por um destino invejoso e fatal; / com robustos acentos, grandes, os chamarás; / verbo do gram Camões, fala de Breogão!”

**Manuel Murguía** (1833-1923), marido de Rosalia, primeiro presidente da Real Academia Galega e figura decisiva no Ressurgimento cultural galego do século XIX, manifestou repetidamente e do modo mais natural a pertença da Galiza à área lusófona.

Assim, no discurso pronunciado nos Jogos florais celebrados em Tui no ano 1891 aproveitava a imediatez do rio Minho, linha fronteiriça entre a Galiza e Portugal nesse ponto, para afirmar:



“O primeiro, o nosso idioma [...]; o formoso, o nobre idioma que do outro lado desse rio [o Minho] é língua oficial que serve a mais de vinte milhões de homens e tem uma literatura representada pelos nomes gloriosos de Camões e Vieira, de Garrett e de Herculano; o galego, em fim, que é o que nos dá direito à inteira possessão da terra em que fomos nados [...]. Podemos dizer com verdade que nunca, nunca, nunca pagaremos aos nossos irmãos de Portugal [...] sobretudo que hajam feito do nosso galego um idioma nacional. Mais afortunado que o provençal –encerrado na sua comarca própria– não morrerá”.

Anos mais tarde formularia as mesmas ideias para uma ocasião não menos solene: no acto de apresentação pública da Real Academia Galega, em 30 de setembro de 1906 na Corunha. Foi ali lido um discurso de Murguia, que, como fica dito, ia ser o primeiro presidente da nascente instituição. Esboçando como um programa para o labor da Academia dizia:

“Comecemos pelo estudo do idioma que falamos há mais de dez séculos. [...] Povo que esquece a sua língua é um povo morto [...]. O primeiro a nossa língua [...], a língua que falou este povo durante mais de dez séculos, que é a que falamos e entendem cerca de três milhões de galegos, dezoito milhões de habitantes de Portugal e dos seus domínios, doze do Brasil. Não pode perecer um idioma que tem uma literatura gloriosa, e nomes que são orgulho da inteligência humana. Por isso, e para recolher na Galiza o seu verdadeiro léxico, dar a conhecer a sua gramática e afirmar a sua existência, fundou-se esta Academia”.

**Vicente Risco** (1884-1963), figura de capital importância na cultura galega do primeiro terço do século XX, escrevia no seu famoso opúsculo *Teoria do nacionalismo galego* (1920):

“Na Península Ibérica desprenderam-se do baixo latim medieval três línguas romances que ainda hoje a dividem em três bandas verticais (ficando ao Norte o ângulo euskérico). Valle-Inclán caracterizou-as com uma genial compreensão da índole social dos povos das três falas: Três romances se formaram na Península –diz–: catalão de comerciantes, galego de lavradores e castelhano de dominadores. [...] Ora, o galego e o português são duas formas dialectais do mesmo idioma [...]. Queiramos ou não, isto trava-nos fortemente, estreitamente, com Portugal e com a civilização portuguesa”.

Dez anos mais tarde, em 1930, escrevia Risco na revista *Nós*:

“Poucos galegos se têm precatado do que Portugal é para nós. Portugal é a Galiza ceive e criadora, que levou pelo mundo adiante a nossa fala e o nosso espírito, e inçou de nomes galegos o mapa do mundo. [...] Mentres a Galiza Lucense se entregou inerme e esquecida, os bracarenses souberam alongar Galiza até o Algarve, sustê-la independente e criar novas Galizas na América, na África, na Índia, na China, na Malásia. Mentres a história da Galiza Lucense é um perpétuo fracasso político, a de Portugal representa o triunfo da Galiza ideal, da Galiza galega, e tem que ser para nós portanto um motivo de orgulho e de esperança. Portugal é algo sagrado para nós”.

**Castelao** (1886-1950) é, como escritor e como político, um dos maiores símbolos da Galiza e da sua identidade cultural. O seu livro *Sempre em Galiza* foi denominado muitas vezes como «a Bíblia do

galeguismo». Nesta obra são frequentes as afirmações do carácter lusófono da língua e da cultura galegas. Por exemplo, adverte:

“O galego é um idioma extenso e útil, porque –com pequenas variantes– fala-se no Brasil, em Portugal e nas colónias portuguesas”.

Por isto, Castelao afirma “manter a esperança de que algum dia os galegos e portugueses volvamos a falar e cantar no mesmo idioma”. E comenta sugestivamente:

“O rio Sil passava pelo Monte Furado; pero um dia derrubou-se o túnel e as águas buscaram o seu velho canal, e hoje o Sil vai por onde devia ir. Assim, também é seguro que Galiza e Portugal se ajuntarão algum dia”.

Talvez mais clara ainda seja a formulação usada por Castelao numa carta dirigida em 1944 ao historiador e político castelhano Sánchez-Albornoz, que lhe achacava defender no livro *Sempre em Galiza* a ideia de banir da Galiza a língua castelhana:

“Eu desejo que na Galiza se fale tão bem o galego como o castelhano, e o castelhano tão bem como o galego. Desejo, ademais, que o galego se acerque e confunda com o português, de modo que tivéssemos assim dous idiomas extensos e úteis”.

**Ernesto Guerra da Cal**, bem conhecido no mundo lusófono pelos seus estudos sobre Eça de Queirós, declarava em 1959, numa advertência incluída no seu livro de poemas *Lua de alén-mar*:

“[consideramos] inadiável o restabelecimento dos vencelhos tradicionais das nossas letras com o âmbito amplo e rico da cultura luso-brasileira, à qual, tanto pela verba quanto pelo espírito pertencemos. Não fazemos nisto senão seguir o

conselho venerável do patriarca Murguia, que já recomendou a unificação linguística com Portugal, apontando que nela estava o porvir do nosso idioma. E, com efeito, cremos que esse é o caminho mais seguro para sobardar os limites regionais e dialectais que ainda estreitam a expressão cultural galega. Cuidamos, pois, ineludível reentrarmos no perímetro e nas correntes universais do “mundo que o português criou” aquém e além mar. O verdadeiro meridiano espiritual da Galiza passa por Lisboa e pelo Rio, e quanto antes reconhecemos esta verdade, antes se abrirão à nossa antiga voz recuperada as possibilidades de ecoar fora dos restritos confins comarcais em que nos estamos fechando, cegos às vastas perspectivas que temos diante dos olhos”.

Poderiam aduzir-se outros variados testemunhos igualmente claros ao respeito (entre outros, de Otero Pedraio, de Antom Villar Ponte, de Rafael Dieste, de Álvaro Cunqueiro, de Valentim Paz Andrade), mas concluirei citando o já lembrado **Carvalho Calero** (1910-1990), professor, filólogo e escritor de variados campos, que tanto lutou nos seus derradeiros anos pela plena reintegração linguística da Galiza à lusofonia. Entre as muitas páginas que dedicou a este assunto escolho somente alguns parágrafos:

“O galego é galego-português, não galego-castelhano. Pertence à área iberorromânica ocidental, não à área iberorrómanica central. Logo, é lógico que a sua ortografia, consoante a geografia e a história, responda às características do sistema ocidental, e não às do sistema central”.

“O isolacionismo [da língua da Galiza] frente ao português, que é historicamente uma dependência do galego, não pode conduzir senão ao bloqueio das possibilidades de expansão do nosso idioma, o qual, reduzido a um número pequeno de falantes e escreventes, não poderia resistir com êxito à pressão

do espanhol oficial. O romance hispânico ocidental, com a sua projecção ultramarina, é uma língua com porvir. Se o galego se desintegra do seu sistema natural, não tem ante si mais perspectivas de futuro que a integração no sistema castelhano, ou seja, a sua desapareção como tal galego. Uma microlíngua é antieconómica no mundo actual, em que são ininteligíveis e inviáveis as unidades microscópicas. Uma língua tão ameaçada como o galego não pode sobreviver senão apoiando-se nas demais formas do sistema, quer dizer, reintegrando-se no complexo luso-galaico, do qual geneticamente forma parte”.

“Deste jeito, seríamos o que somos, voltaríamos a ser o que fomos: o romance mais ocidental, não esnaquizado em dous anacos isolados senão reintegrado numa unidade sistemática que não exclui a autonomia normativa”.

A Academia Galega da Língua Portuguesa, de acordo com essa poderosa tradição da nossa cultura e da Filologia Românica, assenta-se sobre o convencimento de que a língua da Galiza continua sendo substancialmente a mesma dos outros países lusófonos.

E mais ainda: parte da convicção de que a pretensão de fazer da língua da Galiza um idioma independente do português, ademais de carecer de justificação no terreno filológico, está intensificando o processo de abandono e substituição da língua nativa por parte dos galegos. Se os falantes galegos virem que a sua língua, ademais de profundamente sua, é um idioma de grande extensão e de rico desenvolvimento, é evidente que sentirão por ela uma maior simpatia. Pelo contrário, quando vêm que se lhes propõe como sua uma língua de âmbito reduzido e de vida precária, o instinto mais ou menos subconsciente diz-lhes que tal língua não tem possibilidade de pervivência.

Esta Academia sabe que a Galiza é um ramo da árvore linguística que hoje se conhece no mundo sob o nome de português; e crê que, quando a supervivência desse ramo aparece ameaçada, somente poderá salvar-se e revivificar-se alimentada pela seiva vital do velho tronco comum.

Uma comissão da Associação Pró Academia realizou a selecção e os convites pessoais dos membros que, neste momento, constituem a Academia Galega da Língua Portuguesa. Devo advertir, porém, que, por força das circunstâncias em que o processo se realizou, trata-se de uma lista inicial, que a própria Academia irá completando nos próximos meses.

Dos membros actuais, o grupo mais numeroso é o dos linguistas e filólogos, como parece natural deve ser numa Academia da língua. A maioria destes linguistas são professores nos diversos níveis do ensino, desde o elementar até ao universitário.

Também há uma boa representação de criadores no campo da literatura (poesia, narrativa, ensaio...).

Mas claro é que a língua, que está presente em todos os âmbitos da sociedade e da vida, não pode ser tarefa unicamente de linguistas e literatos. Por isso, a nossa Academia acolhe já desde o início uma representação de vários outros campos profissionais, em pessoas de reconhecida competência e de preocupação pelo nosso idioma.

A todos eles agradeço, em nome dos promotores, a sua disponibilidade para embarcar-se nesta viagem, que esperamos tranquila e feliz mas que poderá também achar dificuldades –e até talvez alguma tormenta passageira...

Quero fazer também alusão ao primeiro número do *Boletim* da Academia, já distribuído entre os assistentes. O *Boletim* quer ser a voz autorizada da Academia, assim no campo dos contributos científicos (nomeadamente em temas relativos à língua) como no que diz respeito à informação institucional das suas atividades.

Devo citar neste momento os nomes dos académicos António Gil e João Evans, aos quais se encomendou a organização e edição do *Boletim*: a eles e ao seu trabalho se deve que o órgão oficial da instituição possa apresentar-se publicamente, e com tão boa aparência...

Desejo concluir agradecendo mais uma vez a presença de todos os assistentes, e augurando para a Academia uma história frutífera, e para a nossa língua as “outras mil primaveras” que Cunqueiro sonhava.

A todas e todos, muito obrigado.